



OCUPAÇÕES DE ESPAÇOS PÚBLICOS EM MONTES CLAROS/MG COMO COMBATE AO ANALFABETISMO URBANÍSTICO

OCCUPATIONS OF PUBLIC SPACES IN MONTES CLAROS/MG AS A FIGHT AGAINST URBAN ILLITERACY

Gustavo Souza Santos¹
Mariana Fernandes Teixeira²
Isabela Veloso Lopes Versiani³

RESUMO

Apesar de seu lastro produtivo, a cidade não é uma vivência autodidata, mas requer uma pedagogia própria para que seja plenamente vivida e interpretada de modo crítico e político. Sendo assim, propor itinerários táticos e educativos em prol de um letramento para compreensão do urbano é fundamental para formar gerações contemporâneas e futuras para uma vivência plena da cidade, a partir de sua feitura emancipatória. O circuito intitulado “OH!CUPA” foi proposto no âmbito do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Unifipmoc, em Montes Claros/MG, no ano de 2022, como atividade integrada de ensino, pesquisa e extensão. A ação desenvolvida, contemplando desde sua iniciação em sala de aula, até a realização das ações na praça, buscou sensibilizar os estudantes sobre as relações entre a prática profissional, as intenções do planejamento urbano, as lutas de classe e a produção do espaço. Estas reflexões foram contextualizadas com os processos de transformação urbanos e principalmente com o papel social e democrático da praça, que consiste essencialmente em um espaço público destinado ao lazer e à sociabilidade. Ao aplicar esta discussão entre estudantes de graduação e executar seus planos de ocupação pela via do lazer, numa praça pública, ao alcance de um público amplo e diverso, revelou-se uma estratégia de provocar posturas críticas sobre o desenvolvimento das cidades, sobretudo em uma cidade que atua como polo de influência regional no Norte de Minas Gerais.

Palavras-chave: analfabetismo urbanístico; ensino superior; espaço público.

¹Doutor em Desenvolvimento Social - PPGDS. Unimontes. Montes Claros. Minas Gerais. Brasil. E-mail: gustavo.santos@unifipmoc.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9712-2690>.

²Mestre em Arquitetura e Urbanismo. UFMG. Belo Horizonte. Minas Gerais. Brasil. E-mail: nanafteixeira@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0883-4889>.

³Doutora em Desenvolvimento Social - PPGDS. Unimontes. Montes Claros. Minas Gerais. Brasil. E-mail: isabela.versiani@unimontes.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7966-187X>.

ABSTRACT

Despite its productive basis, the city is not a self-taught experience, but requires its own pedagogy so that it can be fully lived and interpreted in a critical and political way. Therefore, proposing tactical and educational itineraries in favor of literacy to understand the urban environment is fundamental to training contemporary and future generations to fully experience the city, based on its emancipatory creation. The circuit entitled "OH!CUPA" was proposed within the scope of the Architecture and Urbanism course at Centro Universitário Unifipmoc, in Montes Claros/MG, in 2022, as an integrated teaching, research and extension activity. The action developed, ranging from its initiation in the classroom to the carrying out of the actions in the square, sought to raise awareness among students about the relationships between professional practice, the intentions of urban planning, class struggles and the production of space. These reflections were contextualized with urban transformation processes and mainly with the social and democratic role of the square, which essentially consists of a public space intended for leisure and sociability. By applying this discussion among undergraduate students and executing their leisure occupation plans, in a public square, within the reach of a broad and diverse public, it proved to be a strategy to provoke critical stances on the development of cities, especially in a city that acts as a hub of regional influence in the North of Minas Gerais.

Keywords: urban illiteracy; university education; public space.

Resumo Expandido recebido em: 01/02/2024

Resumo Expandido aprovado em: 13/03/2025

Resumo Expandido publicado em: 19/03/2025

Doi: <https://doi.org/10.24302/redes.v2ianais.5243>

1 INTRODUÇÃO

A cidade, em seus múltiplos significados, é objeto de disputa de sujeitos, grupos, academia, forças do sistema e da produção capitalista quando se configura como campo de produção da existência (Agier, 2011; Teixeira, 2018; Castells, 2020). Apesar de seu lastro produtivo, a cidade não é uma vivência autodidata, mas requer uma pedagogia própria para que seja plenamente vivida e interpretada de modo crítico e político (Rolnik, 2019; Santos, 2022). Sendo assim, propor itinerários táticos e educativos em prol de um letramento para compreensão do urbano é fundamental para formar gerações contemporâneas e futuras para uma vivência plena da cidade, a partir de sua feitura emancipatória. (Versiani, 2011; Zukin, 2000).

Para Maricato (2015), o lado mais perverso da urbanização brasileira, que resulta em espaços de exclusão, é o ocultamento das lógicas que fomentam este fenômeno. Aponta-se para uma falta de consciência sobre os processos e impactos em torno da produção capitalista das cidades e sobre as formas de ocupação dos espaços por parte da população excluída. Neste sentido, emerge a percepção de um analfabetismo urbanístico na sociedade brasileira, que não tem acesso a dados e informações claras e imparciais sobre a real crise urbana. Para combatê-lo, seria necessário um conjunto de reflexões teóricas e ações políticas, que ajudem a compreender a lógica pela qual o espaço urbano é formado e organizado, a partir da perspectiva da luta de classes. Nesta direção, entram como protagonistas os capitais imobiliário, industrial e financeiro, frequentemente apoiados pelo Estado e pela mídia.

O circuito intitulado “OH!CUPA” foi proposto no âmbito do curso de Arquitetura e Urbanismo da Unifipmoc, em Montes Claros/MG, como atividade integrada de ensino, pesquisa e extensão. O Projeto piloto de ocupação urbana ocorreu no mês de junho de 2022, na Praça Coronel Ribeiro, localizada no centro da cidade, apresentando uma natureza mobilizada e educativa, por meio da liderança de discentes, docentes e instituições parceiras. A ideia surgiu para demonstrar aos estudantes como a organização popular é uma ação política e que pode fortalecer as lutas por direitos coletivos.

A proposta do circuito consistia na ocupação temporária de espaços públicos da cidade, com objetivo de fomentar a retomada de seus usos, bem como ativar sentidos culturais, políticos e educativos de vivência do espaço urbano. Com isso, a Praça Coronel Ribeiro foi eleita como início do circuito pois se trata de um ponto de referência tanto geográfico e de transportes, mas principalmente por sua relevância cultural, histórica, arquitetônica e urbanística.

A Arquitetura e o Urbanismo andam juntos com a dinâmica de transformação dos espaços urbanos e revelam em seus traços e funcionalidades as marcas de um período histórico e dos processos vivenciados por determinadas sociedades. Neste sentido, a Praça Coronel Ribeiro foi escolhida porque representa um marco, atuando como ponto de referência para transportes, para passagem e encontro de pessoas e como parte de um relevante conjunto urbanístico, que ainda guarda traços de um

período histórico. Em uma de suas esquinas, onde se cruzam as ruas Bocaiuva e Barão do Rio Branco, encontrava-se o edifício que abrigou o Grande Hotel São José.

Ele foi classificado como sendo característico do estilo *art déco*, que, em Montes Claros, se apresentou de formas variadas, mas marcou um período de avanço tecnológico e de formação de um novo estilo de vida da sociedade moderna, na década de 1920, alinhada com a construção da linha férrea. Os relatos sobre o Hotel demonstram que sua atividade foi intensa, recebendo personalidades importantes, artistas, políticos e diversos eventos.

Cabe contextualizar sobre a referida edificação, uma vez que o pedido pelo processo de tombamento da mesma havia sido recentemente negado pelo Conselho de Patrimônio Cultural de Montes Claros, o que a colocava em risco iminente de venda e demolição, para dar lugar a uma nova construção comercial. Este risco se concretizou, de fato, no ano seguinte, quando a edificação foi demolida, provocando revolta em parte da população. Portanto, a adoção da Praça Coronel Ribeiro como objeto de estudo e de intervenção para iniciar o circuito OHICUPA se deu pela complexidade em torno de seu histórico, dos papéis que desempenha no período atual e de suas importantes funções sociais, já que consiste em um espaço público de intenso uso coletivo.

Diante disso, pode-se afirmar que o OHICUPA fundamenta-se na necessidade de promover uma formação de arquitetos e urbanistas crítica e comprometida com a produção participativa do espaço urbano, atrelando sentidos de cidadania e afeto pelos espaços públicos. A compreensão dos espaços urbanos requer uma investigação profunda, atenta às diferentes camadas de funções, significados e memórias que se relacionam com a trama dinâmica de ruas, praças, edificações e pessoas. Por conseguinte, é coerente uma abordagem interdisciplinar para interpretar o contexto da praça e, então propor ações capazes de provocar olhares e reflexões renovados sobre os modos de apropriação daquele espaço.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Como proposta de “Projeto Interdisciplinar”, que integra transversalmente as disciplinas do quinto período de Arquitetura e Urbanismo, o Professor Dr. Gustavo

Souza Santos elaborou e conduziu o projeto OH!CUPA. Os procedimentos, que integram ensino, pesquisa e extensão, se iniciam em sala de aula, com discussões teóricas abordando o espaço público, o exercício do Direito à Cidade, a relevância do local escolhido, as relações sociais, dentre outras temáticas. A partir das reflexões compartilhadas, os grupos de discentes desenvolvem propostas de intervenção e ocupação temporárias, sugerindo atividades que possam ser realizadas coletivamente e que sejam capazes de provocar e atrair diferentes olhares e percepções para a praça.

No dia primeiro de junho de dois mil e vinte e dois, os grupos de discentes foram para a praça, acompanhados do professor responsável, da Prof. Ma. Mariana Fernandes Teixeira, coordenadora e docente do curso, que também mediou atividades, e da Professora convidada, Dra. Isabela Veloso Lopes Versiani, docente da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), pesquisadora e membro do Núcleo Cidadino, dedicado a estudos e intervenções de natureza urbana. A programação incluiu atividades de relaxamento, esportes coletivos, jogos de tabuleiro, atividades musicais e confraternização, chamando a atenção para diferentes aspectos do espaço estudado. Para encerrar o ciclo de atividades, os discentes apresentaram os relatos de suas experiências no evento científico realizado pela instituição de ensino, o Simpósio de Pesquisa Científica (SIMFIP).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Figura 1 - Registros do OH!CUPA em 2022



Fonte: Acervo dos autores (2022)

A ação desenvolvida, contemplando desde sua iniciação em sala de aula, até a realização das ações na praça, buscou sensibilizar os estudantes sobre as relações entre a prática profissional, as intenções do planejamento urbano, as lutas de classe e a produção do espaço. Estas reflexões foram contextualizadas com os processos de transformação urbanos e principalmente com o papel social e democrático da

praça, que consiste essencialmente em um espaço público destinado ao lazer e à sociabilidade.

Os grupos desenvolveram quatro frentes de trabalho. Inicialmente, partindo do pressuposto que os espaços públicos são ambiências de ocupação e experiência sensível da cidade, desenvolveu-se um circuito de exercícios de relaxamento com alongamentos e relaxamento. A seguir, articulou-se vivências lúdicas e esportivas a partir do mobiliário e espacialidade própria da praça - entre bancos, gramados, piso e uso fortuito de meio-fio – com esportes coletivos e jogos de tabuleiro. Por fim, desenvolveu-se também atividades musicais com canções oferecidas aos presentes e transeuntes. O evento foi constituído ainda de fixação de cartazes insurgentes com mensagens de estímulo ao uso e ocupação dos espaços públicos e por refeição coletiva.

Nesta direção, a experiência foi socialmente relevante ao:

- promover uma noção de arquitetura e de urbanismo menos tecnicistas, ao incorporar a sociedade como parte dos projetos, ao adotar a escala humana e os interesses coletivos como norteadores das propostas;
- realizar a ocupação da praça com atividade lúdicas e criativas, uma vez que, naquela manhã conseguiram alcançar as pessoas que passaram pela praça, as que estavam ali em um momento de descanso ou que caminhavam em direção aos pontos de ônibus;
- articular os papéis desempenhados pela praça, com destaque para a história e o patrimônio arquitetônico, em função da negligência sofrida pelas edificações antigas presentes naquela região, dentre elas o edifício que abrigava o hotel São José, que meses depois veio a ser demolido;
- ressaltar o caráter democrático das praças como espaço de lazer e como respiros na cidade, espaços compartilhados por toda a população e que frequentemente são desvalorizados, entregues à deterioração;

Sendo assim, a promoção da ocupação da praça, ainda que temporária, repercutiu um apelo pelo direito de participar da cidade, de produzir os espaços e de experimentar a urbanidade. A ação evidenciou como o Direito à Cidade deve ser perseguido dentro da prática profissional dos arquitetos urbanistas, mas, para além

disso, dentro de suas vivências cidadinas. Isso demonstra que as instituições de ensino podem desenvolver processos de ensino e aprendizagem que extrapolem as salas de aula e proporcionem experiências mais completas e conscientes de suas funções sociais.

4 CONCLUSÕES OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do Projeto OH!CUPA parte da premissa de que se faz necessário erradicar o analfabetismo urbanístico, evidenciando ou levando para a sociedade civil as problematizações e críticas passíveis às maneiras como os espaços são produzidos e ocupados, reproduzindo ciclos de exclusão e desigualdade. Ao aplicar esta discussão entre estudantes de graduação de Arquitetura e Urbanismo e executar seus planos de ocupação pela via do lazer, numa praça pública, ao alcance de um público amplo e diverso, revela-se uma estratégia de provocar reflexões críticas sobre o desenvolvimento das cidades, sobretudo em uma cidade como Montes Claros, que atua como polo de influência regional no Norte de Minas Gerais. O projeto em questão torna-se modelo a ser institucionalizado no curso de Arquitetura e Urbanismo, como parte de uma ampla iniciativa para fomentar ocupações fora dos ambientes escolares, estimulando o usufruto cidadão das áreas públicas de lazer, ampliando os debates acadêmicos e criando laços com a comunidade, enquanto as práticas de cidadania e cidadania são despertadas nos sujeitos afetados. Mais importante que a conclusão de um trabalho escolar, é o desenvolvimento de uma nova prática educacional reflexiva e crítica, capaz de conduzir a um ensino emancipatório.

REFERÊNCIAS

AGIER, M. **Antropologia da cidade**: lugares, situações, movimentos. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

CASTELLS, M. **A questão urbana**. 7. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2020.

MARICATO, E. **Para entender a crise urbana**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

ROLNIK, R. Paisagens para renda, paisagens para vida: disputas contemporâneas pelo território urbano. **Indisciplinar**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 18–43, 2019.

SANTOS, G. S. Espaços de insurgência, espaços de cidadinidade: a mobilização social e sua espacialidade. **Revista GeoUECE**, Fortaleza, v. 11, n. 20, p. 202-203, 2022.

TEIXEIRA, M. F. **Sobre ruas e pessoas**: uma análise espacial dos bairros Ibituruna e Major Prates de Montes Claros/MG. 2018, Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2018.

VERSIANI, I. V. L. A produção capitalista do espaço urbano e o papel da dimensão política na garantia dos bens de consumo coletivo. **Argumentos (Unimontes)**, Montes Claros, v. 5, p. 25-46, 2011.

ZUKIN, S. Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder. In: ARANTES, A. A. (Org.) **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000. p. 80-103.